

Apontamentos de língua, literatura e aspectos receptivos da carta de Pero Vaz de Caminha

Evandro Rosa de Araújo

Renata Herwig de Moraes Souza

Warlete Cristina de Oliveira ()*

Introdução

O artigo discute alguns apontamentos sobre língua e literatura bem como aspectos da recepção da carta de Pero de Pero Vaz de Caminha, contribuindo para a ampliação das discussões nas áreas de linguística e literatura com reflexões sobre a receptividade da Carta de Pero Vaz de Caminha frente ao leitor contemporâneo. Apoia-se em diferentes autores, como Barthes (1998), Eagleton (2006), Iser (2000), Lima (1979, 2002), Lobo (2018), Maingueneau (2006), Rosenblatt (1995), Tompkins (1999), Zilberman (2002, 2016) e outros. Trata-se de um estudo que busca fundamentação em bases bibliográficas da Linguística, da Teoria e da Crítica Literárias.

Este texto se constrói em três momentos. O primeiro, cujo título é ‘Reflexões sobre a língua e sua significância na pós-modernidade’, discute o quanto a língua é necessária para as relações humanas e como ela tem se apresentado na pós-modernidade frente a um mundo cada vez mais veloz e globalizado. Os postulados de Fiorin (2003), Lopes (2000), Maingueneau (2006) e Zilberman (2002) são imprescindíveis à discussão.

O segundo momento, que tem como título ‘Língua, Literatura e a estética da recepção’, focaliza o entendimento da língua com a literatura e as relações harmônicas e conflituosas existentes entre as duas. Para isso, as teorias de Eagleton (2006), Fowler (1986) e Barthes (1998) são importantes, dado que o presente texto parte do princípio de que, qualquer comunicação, independentemente dos recursos utilizados em certo momento, que a língua em que ela se processa, por mais formal que possa ser, pode atingir conotações que a colocam próxima das manifestações literárias. Nessa parte do texto, fazemos uma revisão bibliográfica

(*) *Evandro Rosa de Araújo* é mestre em Letras e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: evandrorj49@gmail.com. *Renata Herwig de Moraes Souza* é mestra em Ensino na Educação Básica e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. E-mail: renataherwig@hotmail.com. *Warlete Cristina de Oliveira* é mestra em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Ensino na Educação Básica. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da CEPAE/UFG. E-mail: warletecristina46@disecente.ufg.br.

de algumas teorias que abordam as questões de língua, linguagem, literatura e algumas questões sobre a Estética da Recepção.

No terceiro momento, cujo título é ‘Receptividade, Língua e Literatura na Carta de Pero Vaz de Caminha’, desenvolvemos uma análise utilizando fragmentos do texto escrito por Caminha, e as respostas dadas pelos participantes do estudo à luz da Estética da Recepção e das teorias linguísticas, mostrando a dupla relação entre Língua e Literatura presentes no texto bem como a sua receptividade junto ao leitor contemporâneo.

Para a discussão, primeiramente consideramos a fala de Tarallo (2001, p.19), que salienta que “ao encontrarmos documentos em língua portuguesa de outros tempos anteriores ao nosso, certas formas parecerão estranhas, embora inteligíveis, ou irreconhecíveis”. Essa citação de Tarallo (2001) nos motivou a entender alguns aspectos da Carta de Pero Vaz de Caminha, que nos levaram para outros campos diacrônicos/ sincrônicos, outras noções de valores percebidos pelo leitor contemporâneo bem como a sua funcionalidade enquanto documento oficial, que parece ter deslocado o seu sentido ao ser mais valorizado, na contemporaneidade, enquanto texto literário. Para essa parte do texto, serão utilizadas as teorias de Barthes (1998), Eagleton (2006), Fiorin (2003), Fowler (1986), Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Lopes (2000), Maingueneau (2006), Tarallo (2001), entre outros.

Dessa forma, por conjecturar que a Carta de Pero Vaz de Caminha, devido à ação do tempo, tem mudado seu foco, passando de documento oficial a objeto literário, e que, certamente, o leitor contemporâneo tem opiniões distintas frente a esse monumento e ao fenômeno da sua mudança de sentido, é que esse artigo se torna relevante.

Aspectos metodológicos e reflexões sobre a língua e sua significância na pós-modernidade

O presente tópico apresenta os elementos metodológicos deste estudo bem como os aspectos de significância da língua na pós-modernidade. Dessa forma, para uma melhor organização do texto, dividimos o tópico em dois subtópicos: a) aspectos metodológicos e b) reflexões sobre a língua e sua significância na pós-modernidade.

Aspectos metodológicos

A presente pesquisa foi idealizada a partir de um trabalho apresentado no Programa de Pós-graduação em Letras e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Na oportunidade, apresentamos um trabalho na disciplina “Literatura, história e

memória”, da professora Dra. Maria Luíza Ferreira Laboissière de Carvalho, no ano de 2009, cujas discussões, à época, nos causaram muitas inquietações. Dessa forma, publicamos um texto abordando a relação língua e literatura, mas as inquietações sobre a receptividade ainda permaneciam.

Os rascunhos deste trabalho, apresentado na disciplina da professora, ficaram guardados até o presente momento, quando decidimos retomar as discussões. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental, que se apoia nos preceitos de Gil (2002), que defende que todo trabalho qualitativo deve compreender e explicar o objeto à luz de diferentes teorias, da mesma forma que é fundamental que se compreenda e analise a natureza dos fatos, primando pelo rigor científico e metodológico disponíveis ao tempo.

Dessa forma, visando a compreender alguns aspectos de língua e literatura bem como alguns apontamentos receptivos da Carta de Pero Vaz de Caminha, foi efetivada uma ampla consulta aos periódicos da plataforma SciELO – *Scientific Electronic Library Online* –, no *Google* acadêmico, no portal de periódicos da Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e em diferentes livros teóricos físicos e digitais sobre o tema. É importante salientar que as etapas de levantamento da fortuna crítica, leitura e escrita bem como revisão textual foram importantes para o trabalho.

Neste texto, para mostrar a receptividade do leitor contemporâneo, utilizamos os dados de uma entrevista realizada em junho de 2023, de que participaram, por amostragem, seis estudantes voluntários de uma Unidade Universitária da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Os critérios para participar foram: ter mais de 18 anos e já haver lido a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), escolheram pseudônimos para preservar suas identidades e a da instituição na qual estudavam. A pesquisa também foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG), com Parecer Consubstanciado número: 4.853.978. Seguem alguns dados dos participantes da pesquisa.

Quadro 1 - Características dos participantes da pesquisa.

| PARTICIPANTES | SEXO | IDADE | CURSO |
|----------------------|-------------|--------------|--------------|
| Carol | Feminino | 45 | Letras |
| Ema | Masculino | 21 | Pedagogia |
| Jô | Feminino | 34 | História |
| Kátia | Feminino | 32 | Letras |
| Paulo | Masculino | 40 | História |
| Ricardo | Masculino | 30 | Letras |

Fonte: Material empírico da pesquisa.

Todos os participantes responderam à mesma pergunta, cujas respostas foram gravadas e transcritas para este trabalho. A pergunta feita aos participantes foi: qual a sua opinião sobre o texto da Carta de Pero Vaz de Caminha?

Os participantes do estudo responderam livremente à pergunta, sem interferências do pesquisador, que buscou gerar os dados da forma mais natural e fidedigna possível. Feitas essas considerações, no próximo subtópico, discutiremos um pouco sobre as questões de língua e sua significação na pós-modernidade. Para isso, utilizaremos diferentes vertentes teóricas para discutir e analisar o processo multifacetado da língua em diferentes contextos.

Reflexões sobre a língua e sua significância na pós-modernidade

O mundo vem acompanhando, nos últimos tempos, as várias mudanças de comportamento das línguas, que tentam a se adequar às novas tecnologias impostas pela pós-modernidade, que exige eficiência e rapidez da mensagem. Assim, “a linguagem [...] para o próximo milênio requer rapidez, leveza, multiplicidade, exatidão e consistência” (SIMÕES, 2006, p. 01).

Nesse caso, o signo linguístico nunca foi tão discutido como na atualidade. Da mesma forma, a informação nunca foi tão instantânea e eficiente, motivando as diferentes áreas do conhecimento que se preocupam com a eficiência da língua e suas significações a buscarem, cada vez mais, métodos modernos de processamento da informação. Assim, nesse momento, é bom lembrar que, “na perspectiva diacrônica, não é mais a língua o que percebe, mas uma série de acontecimentos que a modificam” (TARALLO, 2001, p. 23).

Seguindo a mesma ideia, a televisão, o jornal, o computador e outros meios de comunicação têm contribuído para uma constante mudança de comportamento das línguas, que têm ressignificado sua função na sociedade. Mais do que nunca, hoje podemos dizer que essa mobilidade possibilita a interação do homem com o meio em que habita. Fowler (1986) corrobora essa assertiva quando diz que:

A língua não é apenas conhecimento interior e passivo, mas também uma actividade que continuamente se exerce ao falar, ouvir, escrever e ler. Assim, os conjuntos de ideias codificados na língua acabam por ser reafirmados e postos à prova a cada passo. O conhecimento linguístico não consta apenas de ideias, mas também de conhecimentos práticos que se revestem da maior importância. (FOWLER, 1986, p. 47).

Concordamos com o teórico quando mostra que a língua não é somente conhecimento interior e passivo, mas é, na sua prática constante, ou seja, na sua realização, “uma instituição

social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre os homens e a natureza, os homens e os outros homens” (FIORIN, 2003, p. 06), o que torna possível estabelecer uma comunicação eficiente e em sintonia com a atual modernidade. É nessa perspectiva que vale mencionar também uma citação de Lopes (2000, p.17): “a língua falada por cada um de nós equivale, também, a um instrumento a serviço do controle comportamental que cada grupo social exerce sobre a atuação de cada um de seus membros”. Em outras palavras, a língua jamais pode ser entendida como uma instância desassociada do sujeito que dela se vale.

Com a evolução dos meios de comunicação, assim como da língua em suas várias manifestações, passa a ser motivo de preocupação a manutenção da qualidade das informações que recebemos cotidianamente, porque é difícil falar de língua desassociada de um contexto de aplicação. Por isso, nenhuma área do conhecimento tem condições de sobreviver na autossuficiência. Com a língua não é diferente: ela precisa ter o que falar para continuar sobrevivendo. Sem mencionar que “os seres humanos usam a língua para dar forma ao mundo” (FOWLER, 1986, p. 95), ou seja, é por meio dela que podemos entender, julgar, fazer juízos a respeito da sociedade em que vivemos.

Na atualidade, é utópico falar em áreas independentes – no século XXI, não temos mais espaço para áreas compartimentadas e isoladas em si mesmas. Como assevera Lopes (2000), cada vez mais as ciências buscam se ajustar às novas diretrizes, por entender que ciência e senso são fundamentais para as relações humanas. E é nesse sentido que precisamos observar a evolução e a adequação da língua, pois sabemos que é impossível pensar uma sociedade que não tenha uma forma de se comunicar e, conseqüentemente, uma língua pela qual a comunicação se materialize. Essa “torna-se, assim, parte da prática social, instrumento que contribui para manter a ordem dominante” (FOWLER, 1986, p. 55), servindo, muitas vezes, como instrumento de libertação ou de coação.

Partindo do princípio defendido por Fiorin (2003), Fowler (1986), Lopes (2000), Simões (2006) e Tarallo (2001), de que a língua, em diferentes momentos históricos, é utilizada como instrumento essencial para as relações humanas. Podemos dizer que, nenhum enunciado é neutro, não importando a forma como ele se materializa. Como neste artigo o foco principal é o texto escrito, e escrito em um tempo distante do nosso, ele sempre carregará a historicidade e a insígnia de seu tempo e a finalidade e o contexto para os quais aquilo que ele narra foi elaborado.

Dessa forma, como muito bem ressalta Fowler (1986), ao ler, nos dias de hoje, documentos produzidos em outros tempos, à luz das teorias da pós-modernidade, é possível que o leitor consiga ir além da superficialidade expressa nos textos. Nesse sentido, com base

nas teorias da Recepção de Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Lima (1979, 2002), Lobo (2018), entre outros, pode-se ajudar o leitor a entender e a preencher os espaços vazios das narrativas, assim como associar suas interpretações a diferentes horizontes de expectativas e entender o texto por diferentes ângulos.

Por isso, é importante o pensamento de Lobo (2018), que enfatiza que, se considerarmos os princípios da Estética da Recepção, os preceitos das teorias linguísticas críticas e os demais conhecimentos que a pós-modernidade nos fornece, é possível ler um fragmento antigo de texto escrutinando as suas brechas e percebendo nele sentidos que o leitor de outras épocas não conseguiria enxergar com tanta facilidade.

Como salienta Genette (1966), a língua, em suas múltiplas manifestações, está carregada de *links* e *hiperlinks*, em que se embutem inúmeros sentidos que, muitas vezes, não podem ser percebidos sem uma vasta experiência leitora. A cada dia, as metáforas se renovam e são exploradas à exaustão. Por isso, a língua usada para a comunicação nos dias de hoje se nutre de um leque de recursos que não podem ser ignorados pelo falante e, muito menos, pelo leitor.

É frente a esse comportamento das línguas, que Fiorin (2003), Maingueneau (2006), Tarallo (2001), entre outros, deixam transparecer, em seus trabalhos, a adequação e a evolução das línguas. Por isso, quando observamos a linguagem das redes sociais e dos aplicativos de mensagem, é possível compreender o quanto a língua, em suas inúmeras manifestações, se modifica ao longo tempo para se adequar ao comportamento e aos interesses dos diferentes falantes.

Com base na leitura de Bauman (2001), pode-se perceber, nesses novos dispositivos de mensagens, que a língua da pós-modernidade é mais líquida, sintética e mais imagética, confirmando a tendência global de se adequar a qualquer situação discursiva.

Vale salientar ainda que, com base em Bauman (2001), que a língua dos dias de hoje precisa ser breve para não tomar tempo – os falantes usam *emojis* para diminuir a escrita e isso é uma tendência em todo o mundo. Sem falar que, na idade contemporânea, onde o menos é mais, o minimalismo tem cada vez mais adeptos. Pensando dessa forma, como um leitor contemporâneo se comportaria frente a um discurso redigido há mais de quinhentos anos? Discurso que, muitas vezes, é lento, repetitivo e parece trazer informações que, aos nossos olhos de cidadão globalizado, parecem ser atrasadas ou inúteis?

A Carta de Pero Vaz de Caminha foi redigida entre os dias 26 de abril e 02 de maio de 1500. Certamente, o que lemos hoje é uma tradução do português arcaico para o português moderno. Como salientam Araújo (2011), Castro (2003), entre outros, ler a narrativa original

pareceria bastante estranha ao leitor pós-moderno, com todos os arcaísmos presentes ao longo do texto. Ou seja, caso o leitor contemporâneo entre em contato com o texto original, certamente manifestará estranhamento, pois pensará que está escrito em outro idioma.

A partir dos postulados de Castro (2003), ressalta-se que, para adequar a carta de Caminha ao leitor contemporâneo, o tradutor precisou mergulhar no mundo dos significados precisou esmiunçar o texto para vertê-lo para a língua contemporânea. E sabemos que, em todo processo de tradução, por mais simples que seja, há perdas e ganhos. Assim, o estudo do texto de Caminha servirá para entendermos um pouco a mobilidade da língua, que não é estática, mas está se modificando constantemente para atender aos objetivos dos falantes. E hoje, na pós-modernidade, discutir sobre língua e linguagem é entender que ela é estrutura líquida, como salienta Bauman (2001), e se molda aos diferentes falantes em seus diversos contextos de uso.

Fiorin (2003), o leitor contemporâneo precisa compreender esse processo dinâmico de mobilidade linguística e, ao se deparar com textos produzidos em diferentes épocas, precisa estar preparado para transpor os obstáculos diacrônicos e sincrônicos presentes no interior de cada obra lida.

Língua, Literatura e Estética da Recepção

De antemão, é importante ressaltar que este tópico visa discutir—três aspectos importantes para a análise dos dados no próximo tópico. Assim, para organizá-lo textualmente, o dividimos em dois momentos: a) Língua e Literatura, para discutir os aspectos que aproximam a língua da literatura e vice-versa, e b) Estética da Recepção, quando abordaremos aspectos da receptividade e de questões relativas ao leitor.

Língua e Literatura

Nenhuma área do conhecimento humano tem condições de sobrevivência sem uma língua que seja a ponte para os seus estudos e o registro dos seus resultados para a posterioridade, o que, por si só, já justifica a realização de pesquisas, cujo foco é a língua em suas diferentes manifestações. Barthes (1998), salienta que, língua e literatura são áreas que se nutrem e que essa é uma das questões que precisam ser constantemente debatidas, a partir de tal conjectura, é o que propomos a tecer o presente tópico.

Como já mencionamos, a sobrevivência das línguas está ligada ao uso que as comunidades fazem dela. De outro lado, o discurso cotidiano é sempre menos formal, mais conotativo, cheio de metáforas, etc., aspectos estes que o aproximam da linguagem literária. Para mostrar essa relação, Castro e Freitas (2003) fazem um comentário bastante pertinente e que pode ser aplicado aqui.

A literatura, naturalmente, é uma das possibilidades de exploração e utilização da língua, das palavras, para uma diversidade de fins, de propósitos os quais as teorias literárias e as teorias linguísticas, bem como outras vertentes dos estudos das línguas e das literaturas, têm contribuído decisivamente para caracterizar pontuando as mudanças de acordo com os diferentes momentos históricos, como os diferentes povos, como as diferentes línguas, mas sempre, apesar de todas as diferenças de gêneros e conteúdos, apontando para essa marca o fazer poético, fazer em que a língua, em sua modalidade escrita ou oral, é utilizada para expressar e justificar a existência humana. (CASTRO e FREITAS, 2003, p. 19).

Com base na citação de Castro e Freitas (2023), podemos dizer que, a língua é o veículo pelo qual as relações humanas se consolidam. Nesse sentido, como expresso na citação, o fazer literário somente é possível a partir uma língua, mas as literaturas podem contribuir para a preservação da historicidade das próprias línguas para a sobrevivência de ambas: língua e literatura.

Por meio dos diferentes textos literários produzidos em momentos históricos distintos, é possível perceber a mudança de estilo e de comportamento das línguas, como pode ser observado no texto da Carta de Pero Vaz de Caminha sob versões de diferentes épocas.

Outra questão que vale ressaltar é que, todas as áreas do conhecimento, mesmo as mais abstratas, como a literatura ou as mais exatas, como a matemática, não teriam condições de sobrevivência sem a língua. Dessa forma, pensando na soberania desse instrumento e sabendo que ele também não existiria se não houvesse do que falar, é que se propõe mostrar até que ponto a língua e a literatura estão intimamente ligadas, embora o que promova a literatura seja, evidentemente, a literariedade. Lajolo (1981, p. 38) faz as seguintes ponderações:

É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Isso nos leva a refletir que qualquer fragmento de texto literário é feito de língua, mas nem todo fragmento de texto é literatura. Como muito bem ressalta Lajolo (1981), o que faz a literatura é o estranhamento, embora se utilize da língua.

Nas palavras de Maingueneau (2006, p. 198) “a Literatura não pode ser considerada o supérfluo de uma língua já existente, identificada e autossuficiente, mas uma dimensão constitutiva da identidade dessa língua”, sua assertiva torna pertinentes as reflexões que apontam para essa relação tão estreita. Mas até que ponto a língua consegue cumprir um caráter estritamente científico e afastar-se da abstração que é mais próxima da literatura?

Talvez seja complicado delimitar os limites entre literatura e língua, devido ao caráter evolutivo que as línguas possuem. Muitos documentos oficiais, tratados importantes da nossa história, como ressalta Eagleton (2006), iniciaram como documentos factuais e, com o passar do tempo, são mais lidos no campo da literatura. Por isso, essa relação entre língua e literatura é bastante sensível e está mais ligada ao que o leitor considera sobre o que lê do que propriamente sobre o que lhe é imposto. Feitas essas considerações, vejamos agora sobre a estética da recepção.

Estética da Recepção

Nesta parte do artigo não temos a pretensão de esgotar o assunto com relação à Estética da Recepção. O que se busca aqui é fazer uma retomada geral da área, apontando para os expoentes dessa teoria, vez que discutiremos no próximo tópico, a receptividade de alguns leitores frente à Carta de Pero Vaz de Caminha.

A Estética da Recepção ou Teoria da Recepção, conforme nos alerta Lima (1979), é uma área dos estudos literários que se preocupa com a receptividade da obra artística. Ela tem recebido diferentes designações, dependendo dos desdobramentos explorados pelos teóricos, mas, neste texto, não nos ocuparemos dessas questões. Antes, para uniformizar nossa linguagem, usaremos o termo Estética da Recepção.

Como bem salienta Lima (1979), os estudos da Estética da Recepção se propuseram reformular os estudos da historiografia literária e da interpretação textual. O precursor dessa área foi Jauss (2001), que lançou as bases dessa teoria em Constanza, em 1967, ao participar de um evento que tinha como finalidade discutir aspectos de teoria e história literárias. A sua publicação (2001), conhecida como “História da literatura como provocação”, passaria a ser, a partir de então, uma das principais obras para a compreensão da Estética da Recepção. Para Jauss (2011, p. 69):

A experiência estética não se inicia pela compreensão e interpretação do significado de uma obra; menos ainda, pela reconstrução da intenção de seu autor. A experiência primária de uma obra de arte realiza-se na sintonia com (*Einstellung auf*) seu efeito estético, isto é, na compreensão fruidora e na fruição compreensiva. Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da

presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado.

O autor ao propor uma nova compreensão dos estudos literários que, até então, se preocupavam mais com o entendimento da história da literatura de forma diacrônica, com a valorização exacerbada do autor e a compreensão do texto artístico a partir de aspectos filológicos e internos à obra e da historicidade do escritor/autor. Jauss (2001), com a *Estética da Recepção*, rompeu com os estudos literários tradicionais e propôs uma nova maneira de olhar a literatura frente ao exclusivismo da teoria da produção e da representação em voga naquele momento histórico. Com essa ruptura com a tradição, os estudos literários ganharam mais uma possibilidade de estudo do seu objeto, valorizando o leitor, que tinha pouca visibilidade. Para Lima (2011, p. 70):

O efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo se fazem ao reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores de tempos diversos. A aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção.

De acordo com Lima (1979), com esses estudos foi possível a reconstrução dos processos de recepção, valorizando o leitor e estabelecendo a dimensão histórica da pesquisa literária. Com eles também passou a ser possível entender o texto a partir do ato da leitura, como advoga Iser (2000), por diferentes perspectivas, respeitando e explorando os horizontes de leitura e as habilidades de cada indivíduo ao viver a experiência de contemplação do objeto artístico.

Ao ler um texto, como salienta Lobo (2018), precisamos respeitar os diferentes vieses da recepção, isto é, o leitor deve levar em consideração as suas experiências com outras leituras, entender que o artista, ao produzir o objeto literário, deixa pistas para que possamos melhor compreendê-lo, e que, por mais detalhado que seja esse objeto, sempre há espaços vazios que devem ser preenchidos pelos leitores.

A historicidade do texto, os seus aspectos linguísticos, a forma como ele se dispõe na página, a escolha do vocabulário, a sintaxe e os elementos estilísticos dizem muito sobre as intenções do texto. Jauss (2001) destaca que, ao fruir uma obra literária na perspectiva da *Estética da recepção*, é importante estar atento a esses paradigmas que se desdobram no universo discursivo, dando ao leitor a oportunidade de construir uma interpretação única que, certamente, não se assemelha ou se assemelhará a nenhuma outra desenvolvida por outro leitor.

A Estética da Recepção, como acentua Lima (1979), se preocupa com a historicidade da obra e com a do leitor que a experiencia, pois entende que nenhuma leitura é semelhante a outra e é fato que nenhum leitor consegue repetir a mesma experiência de recepção: somos sujeitos sócio e historicamente construídos e as nossas vivências influem de forma única no processo de interpretação das narrativas lidas, o que vale dizer que, a nossa construção de sentido somente tem valor a partir das experiências vividas e da pluralidade de pensamentos que são, historicamente, mediados a partir da nossa relação com o outro e em sociedade.

Por isso, os dados desta pesquisa são analisados a partir dos construtos da Estética da Recepção bem como a partir dos construtos da Linguística desenvolvidos para a compreensão do texto em suas múltiplas acepções. Feitas essas considerações, no próximo tópico analisaremos os dados à luz dessas teorias.

Receptividade, Língua e Literatura na Carta de Pero Vaz de Caminha

Nessa parte do artigo, apresentamos os dados e discutimos questões de língua e literatura bem como os aspectos da receptividade da Carta de Pero Vaz de Caminha. Para isso, usamos os dados gerados da pesquisa, fragmentos da carta de Caminha à luz das teorias apresentadas e discutidas nos tópicos anteriores.

Assim, partimos dessas considerações e do posicionamento de Castro e Freitas (2003), que salientam que a Carta de Pero Vaz de Caminha é uma missiva com propósitos monárquicos, redigida em 1500, que narra uma missão no novo continente e que, provavelmente, não tinha a intenção, naquela época, de ser estudada como literatura, mas como um meio de comunicação entre os colonizadores portugueses aportados em terras brasileiras e a coroa portuguesa. De outro lado, Simões (2006) salienta que, com o passar do tempo, a narrativa dessa carta tem sido mais estudada como obra literária do que como documento oficial.

Ao revisitar as teorias de Barthes (1998), podemos afirmar que a forma como o texto de Caminha foi redigido nos leva a perceber que o espaço que separa língua e literatura é menor do que se imagina. Na carta, como pressupõe Simões (2006) existem inúmeras passagens em que a emoção fala mais que a razão, constituindo-a, dessa maneira, como uma narrativa artística de extração histórica.

Segundo Castro e Freitas (2003), são vários os elementos que evidenciam que o documento é língua oficial, documento histórico, que tinha a finalidade de ser fiel à realidade observada, utilizando linguagem solene, pois se dirigia ao Rei Dom Manuel. Para Simões

(2006), Caminha (2003, p. 88) tentou usar a língua em sua forma mais padrão, fazendo o seguinte relato logo nas primeiras linhas: “[...] A partida de Belém – como vossa alteza sabe – foi na segunda-feira do dia 9 de março. No sábado, 14 do dito mês, entre as oito e nove horas, nos achamos nas ilhas Canárias, mais perto da Grã-Canária [...]”.

Nesse fragmento, Caminha, na qualidade de autor, relata se colocando de forma ausente na narrativa e tentando apresentar os acontecimentos de forma exterior, ação típica de um narrador onisciente. Na visão de Simões (2006), o autor utilizou datas, espaços e horas, para compor um relato quase imparcial dos fatos observados. De forma que, inicialmente, o texto se aproxima muito de um texto jornalístico, cuja intenção é tão somente informar, sem nenhuma outra pretensão.

Mas essa visão pode ser criticada: ao ler ou produzir narrativas, o autor e o leitor constroem visões distintas do que observam, como enfocam os teóricos Lima (1979, 2002), Lobo (2018), Lajolo (1981), Rosenblatt (1995), Tompkins (1999), Zilberman (2002, 2016), entre outros. Com isso, buscando entender um pouco de como é a receptividade da Carta de Pero Vaz de Caminha nos dias de hoje, decidimos consultar alguns leitores sobre esse texto nos dias de hoje. O participante Paulo fez as seguintes considerações.

[1] Resposta do participante Paulo.

Bem, eu acho a carta de Caminha um texto interessante, pois trata-se de provas da nossa história e por meio deste texto temos condições de perceber um pouco de como era o Brasil naquela época, mesmo sabendo que temos uma narrativa que narra a partir dos olhos do colonizador. Acho, que hoje, a Carta de Caminha é mais vista como ficção, mas no entre linhas têm muitas questões ideológicas e factuais sendo ditas pelo autor daquela carta. Eu gostaria de ressaltar que nada naquele texto é inocente, o autor estava na verdade redigindo um texto que iria ser entregue ao rei de Portugal. Tudo bem, a gente olhar certas curiosidades estilísticas do texto, mas não podemos perder de vista a sua finalidade, a finalidade única de um colonizador.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

Muito do que disse Paulo vem ao encontro das teorias da Estética da Recepção e dos estudos críticos do discurso. Mas, enquanto recepção, o que ele diz nos leva a refletir sobre os horizontes de expectativas do objeto artístico, como enfocam Jauss (2000), Lima (1979) e Lobo (2018), e—sobre a importância da nossa formação enquanto leitores sócio e historicamente construídos, que conseguimos ler para além do nosso tempo.

O seu comentário aguça-nos a pensar a narrativa por outros ângulos: não como um texto inocente, mas como uma narrativa preñe de ideologias, num tipo de leitura que encontra ecos em Rosenblatt (1995), Tompkins (1999) e muitos outros teóricos. Quando Paulo nos alerta sobre o fundo ideológico presente na narrativa, ele também sinaliza que, ao

lermos esse texto, devemos pertencer-lhe os espaços vazios (ISER, 2000; JAUSS, 2001; LIMA, 1979), que nos levam para além do que foi narrado no diário de viagem.

Outros aspectos que precisamos observar ao ler a narrativa de Caminha, como sugerem Eagleton (2006), Kothe (1997), Fowler (1986) e Barthes (1998), e que vão além das questões ideológicas e implícitas, são os aspectos que mostram que as línguas não possuem filtros tão eficazes que as façam ser completamente padrão ou completamente informais. Eagleton (2006) exemplifica com documentos que se propunham a serem factuais na época em que foram redigidos e que, com o passar do tempo e a evolução da linguagem, ganharam uma nova conotação, atingindo o *status* de ficção.

Um segmento de texto pode começar sua existência como história ou filosofia, e depois passar a ser classificado como literatura; ou pode começar como literatura e passar a ser valorizado por seu significado arqueológico. Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 2006, p. 13).

Esse comentário nos revela com justeza o processo de mudança de sentido da Carta de Caminha ao longo do tempo, confirmando o que diz a Estética da Recepção em Iser (2000), Jauss (2001) e Lima (2002), que salientam que os textos precisam ser lidos a partir de sua historicidade e representatividade para diferentes leitores. Assim, ao associarmos o pensamento de Eagleton (2006, p. 19) à fala de Paulo, entendemos que o texto de Caminha pode ser lido, interpretado e valorizado por diversos ângulos, pois “Os fatos são públicos e indiscutíveis, os valores são privados e gratuitos”.

Pensando assim, preservamos o que é histórico e imutável, e analisamos como ficcional o que extrapola as convenções da língua. Como observa Simões (2006) e Araújo (2011), mas não podemos perder de vista que o sujeito autor da carta, como salientam Simões (2006) e Araújo (2011), à medida que o texto avança, vai tornando a linguagem textual menos solene, mais coloquial e mais metafórica, ganhando a narrativa uma moldura cada vez mais próxima do olhar do narrador personagem e de quem se propõe a ler o texto enquanto objeto artístico. Em relação a esse olhar, a visão da participante Kátia corrobora para uma recepção que coloca a narrativa de Caminha mais próxima do âmbito ficcional, confirmando a nossa tese de que diferentes leitores têm visões distintas de um mesmo texto.

[2] Resposta da participante Kátia.

Áhn, eu já li esse texto várias vezes, no colégio, e na faculdade, aqui no livro de Alfredo Bosi ele diz que a carta de Caminha é “a certidão de

nascimento da literatura brasileira”, sempre que eu leio essa fala fico pensando, tudo bem que é um texto que fala do Brasil, mas quem escreve é um Europeu, respeito essa fala, mas fico pensando, sobre isso. Eu acho o texto bem figurativo e conseguimos com facilidade encontrar elementos conotativos e figurativos próprios de um texto ficcional, embora ele tenha sido escrito, com propósitos de informar. Hã, então! Dessa forma, eu acredito que essa narrativa ocupa os dois papéis. O meu professor de história no colegial criticava bastante a narrativa de Caminha, mas aqui nos estudos literários eu consigo ver um narrador que parece não ser o sujeito autor, mas uma voz que cumpria o seu papel. Mesmo sendo europeu, ele faz a maior parte do tempo é descrever, embora haja um choque de cultura entre os índios, o lugar e a visão do autor da carta, eu penso que ele estava sendo movido prioritariamente pela obrigação de informar e com isso cada detalhe era fundamental. Aprecio o texto e sempre retomo a leitura.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

Com base em Lobo (2018), Lajolo (1981) e Rosenblatt (1995), podemos dizer que, a participante Kátia teve uma recepção positiva do ato de leitura da narrativa de Caminha, embora ela mostre essa dupla relação existente no texto: enquanto leitora contemporânea de um texto antigo, a participante conseguiu perceber as influências ideológicas na narrativa, mas conseguiu também perceber a mutabilidade da língua e dos valores. Kátia, buscou, em suas experiências leitoras e em seu universo de expectativas, compreender o texto a partir do que ele representa em cada momento histórico em que é lido ou estudado, conforme preconizam Tompkins (1999) e Zilberman (2002, 2016).

O narrador europeu que a participante menciona vai além do sujeito autor da carta, pois ele faz uma descrição dos índios e deixa transparecer certa curiosidade pessoal frente ao vivido, emitindo juízos de valor, qualificando suas feições de “bons rostos”, “bons narizes” e classificando a nudez dos nativos como algo que merecesse “vergonhas”.

Kothe (1997) informa que, para ser um texto histórico com ênfase somente na construção de um discurso informativo, Caminha parece ter falhado e construído um texto que intensificou muito a linguagem, ficando muito mais próximo de uma ficção. Com relação a isso, Eagleton (2006, p. 03) afirma que, “a literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana”. A emissão de juízo de valor, assim como o excesso de detalhes intensificaram a narrativa de Caminha e ela perdeu o seu caráter solene. Essas questões foram muito bem exploradas pelo Participante Ricardo, que fez as seguintes ponderações.

[3] Resposta da participante Ricardo

Yeh! XXX eu sempre adiei a leitura deste texto, mas ao ingressar no curso de Letras, o professor pediu que fizéssemos a leitura de narrativas de viagem, e citou algumas e entre elas estava a carta de Pero Vaz de Caminha. Comecei a leitura e tinha vontade de deixar o texto a todo momento, pois o professor de história do colégio fazia tantas críticas a este texto que criei uma certa repulsa, mas a medida

que fui aprofundando na leitura, eu percebi que é um texto interessante, que mais se parece com ficção. Uh, eu não sei se é porque faço o curso de Letras, e a minha leitura sempre se liga a aspectos de conotação e denotação. Eu devo confessar que o texto está mais para literatura do que um documento factual. O diálogo com os índios, parece ser impossível, a descrição do local e dos indígenas não parece ser um texto técnico, mas bem ficcional. À medida que eu ia lendo eu lembrei da leitura de textos que eu já havia lido como o *Guarani* de José de Alencar e o *Último dos Moicanos* de Cooper.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

Com esse depoimento, podemos perceber muitos aspectos que ligam as suas considerações aos construtos da Estética da Recepção presentes em Iser (2000), Jauss (2001), Lima (2002), entre outros. No ato de sua leitura, o participante conseguiu resgatar outras experiências leitoras, como *O Guarani*, de Alencar, e *O Último dos Moicanos*, de Cooper. Embora os textos sejam distintos, ambos exploram o índio e as questões de uma ambientação natural, o que colabora para uma melhor receptividade do texto lido.

Outro aspecto abordado por Ricardo e que merece destaque se relaciona aos fatos relatados por Caminha: se eram para a apreciação dos acontecimentos no novo mundo, em contrapartida a narrativa acabou se tornando subjetiva e próxima da literariedade. O fragmento abaixo exemplifica o que o participante Ricardo salientou em suas impressões sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha.

“[...] a feição deles é parada, algo avermelhada; de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostra o rosto [...]” (CAMINHA, 2003, p. 92).

Nessa descrição, Pero Vaz de Caminha observa e descreve os índios com base na sua noção de cultura. Emite sua opinião, descrevendo os povos originários com certo tom de advertência, que tudo para ele parece novidade. E segue narrando sem cumprir o seu propósito inicial que era o de se manter imparcial: “creia que certamente nada porei aqui para embelezar nem para enfeitar” (CAMINHA, 2003, p. 88).

Provavelmente, quando Caminha escreveu essas palavras, ele queria cultivar um espírito de credibilidade junto ao leitor da missiva, o então Rei de Portugal.

E a participante Jô de nossas entrevistas expressa um pouco dessa curiosidade de entender o comportamento do europeu frente à paisagem exótica do Brasil bem como o encontro com os índios.

[4] Resposta do participante Jô

Eu li esse texto, com uma certa repulsa, pois ficava imaginando os europeus chegando em terras puras, com povos sem malícia alguma, sendo explorados por povos que se julgavam superiores, na carta narra a questão do cristianismo, o narrador da carta nomeia os povos indígenas como nativos, aborígenes e faz uma descrição dos povos a

partir das crenças e preceitos europeus. Acho que essa carta deveria ser lida com um olhar crítico, e nunca passivo. Uhum, eu vejo a carta como um monumento, uma prova que o Brasil foi invadido por europeus sem escrúpulos, impuseram suas crenças e valores aos verdadeiros donos dessas terras. Dessa forma, por mais que o texto seja conotativo, use uma linguagem metafórica, ele nunca vai deixar de transmitir ou expressar o que realmente aconteceu. Mas, é necessário que a leitura da carta seja feita de forma crítica, buscando compreender e entender o que ela deixa de dizer. Pois, eu acredito que há mais informações no silenciamento do narrador, que nas linhas escritas.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

A visão da participante Jô é bastante crítica e mostra que o documento precisa ser lido não como algo fantasioso, mas, sim, a partir dos propósitos do dominador frente aos verdadeiros donos do Brasil. Observamos que, sua opinião vem ao encontro das ideias de Kothe (1997): mesmo tendo passagens na narrativa que nos colocam no âmbito da ficção, o texto não deixa de mostrar, de forma velada, os interesses dos europeus em explorar e tirar o máximo de proveito dessas terras em favor de Portugal.

Com base nas considerações da participante Jô e na leitura das teorias críticas de Tarallo (2001), Fowler (1986), Castro e Freitas (2003), entre outros, o que se percebe é uma narrativa sob o ângulo de um narrador que busca, a todo o momento, dar detalhes das terras brasileiras e do que poderia ser explorado pelo colonizador. O olhar do narrador tudo vê, querendo explorar, ao máximo, não só as informações que interessavam a Dom Manuel e que, certamente, eram as riquezas e as possibilidades de colonização, mas até se aventurando pelo exotismo e pelo excêntrico comportamento dos povos originários, construindo uma narrativa fantasiosa, mas repleta de conotações ideológicas.

Ao analisarmos essas questões à luz das teorias da modernidade e reconhecendo que língua e literatura são áreas que dialogam e se complementam, como bem ressaltam Eagleton (2006), Kothe (1997), Fowler (1986) e Barthes (1998), podemos dizer que, o entendimento a que podemos chegar é que nenhum texto está definitivamente escrito, assim como nenhum discurso diz o que realmente queria dizer. Foi justamente, o que percebemos como pesquisadores, a partir do confronto de diferentes leituras do texto de Caminha.

Assim, comungamos do pensamento de Eagleton (2006, p. 19) de que “Todas as obras são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as lêem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma ‘reescritura’”. Por isso, o olhar dos participantes desta pesquisa bem como as nossas considerações frente ao texto de Caminha são, na verdade, uma reescritura, como também defendem Iser (2000), Jauss (2001), Kothe (1997), Lima (2002), entre outros.

E concordamos também com Kothe (1997) que diz não haver história ou historiador que esteja isento de deixar suas impressões no texto escrito. Isto é, Caminha escreveu o que lhe apetecia escrever já que ele não estava imune de se sentir contagiado pelas novidades vividas e vivenciadas em terras recém-descobertas.

Sobre essas questões, a participante Ema fez as seguintes considerações sobre a sua leitura.

[5] Resposta da participante Ema:

Por meio da leitura da Carta de Caminha a gente consegue viajar na história e perceber um pouco de como aconteceu a nossa dominação pelos europeus. O eurocentrismo começa a se estabelecer, a partir do momento que os portugueses fazem a sua primeira visita que foi narrada pelo Caminha. Acho que a carta tem uma linguagem conotativa, mas os fatos narrados são bem reais. A forma como o autor desenvolveu seu texto que é artística, mas apesar de ser somente o ângulo do autor, as situações narradas supostamente aconteceram, por isso eu acho que o texto é mais factual que literário, ou artístico. O texto da carta é importante, pois por meio dele temos a possibilidade de reconstruir a partir do que sabemos o que pode ter acontecido e que não foi narrado pelo autor.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

A forma como a participante Ema revela as suas impressões sobre a carta é importante, pois ela, como os demais, considera a importância do texto, mas vai além de destacar os aspectos de reconstrução ou de entendimento a partir de pistas dadas pelo autor do texto. Essa forma de entendimento de narrativas se aproxima dos construtos da Estética da Recepção de Iser (2000), Jauss (2000, 2001), Lima (1979, 2002), Lobo (2018), Lajolo (1981), Rosenblatt (1995), Tompkins (1999), Zilberman (2002, 2016), entre outros, que defendem que o leitor precisa reconhecer as pistas deixadas ao longo do texto para entendê-lo com maior profundidade.

Por isso, concordamos com Lima (1979), quando menciona que a língua, em seu estágio de enunciação ou não, sempre está ligada à ficção, o que não quer dizer que o que ela relata seja inocente ou mentiroso, mas que esse é um ponto pelo qual ela precisa passar para se tornar mais humana e refletir com mais exatidão o momento que se vivencia.

Nesse sentido, a Carta de Pero Vaz de Caminha assume um caráter singular, pois transpõe os obstáculos da língua oficial, chegando aos limites do que ressalta Barthes (1984) com relação ao estranhamento que a literatura precisa causar para ser vista como tal. Da mesma forma, cremos que Barthes (1984) está certo quando diz que “literatura nunca é mais do que o aprofundamento, a extensão da língua” (BARTHES, 1984, p. 87). É com a língua que se faz literatura e uma, sem dúvida, é a ornamentação da outra.

Trazemos o posicionamento da participante Carol, para exemplificar que, suas considerações estão muito próximas das dos demais participantes.

[6] Resposta da participante Carol:

Eu acho a carta de Caminha uma obra fundamental para os estudantes de Letras. Este texto traz ao longo de sua narrativa uma poeticidade magnífica. O texto aguça no leitor o desejo de reconstrução de imagens das situações narradas. A carta, por mais que ela seja factual, ela tem características de um texto poético, isso denota a capacidade criativa, ou engenhosidade do autor. Embora, exista questões que precisam ser analisadas aos olhos da contemporaneidade, é necessária essa viagem no tempo para tentar entender o impacto que autor teve ao ver tantas coisas que para ele não eram comuns. O texto da carta de Carta de Caminha é cheio de brechas e pode ser entendido por diferentes interpretações. Eu prefiro lê-lo como um monumento que conta um pouco da nossa história, mas também pode nos transportar para um universo quase impossível.

Fonte: Dados empíricos da pesquisa gerados em 16 de junho de 2023.

A fala da participante Carol nos leva a revisitar as outras considerações dos demais participantes deste estudo, que ressaltam a importância do texto de Caminha, a necessidade de se ler essa narrativa por diferentes lentes, percebendo o seu caráter histórico, literário e linguístico, sem que nenhum desses aspectos seja de impressões definitivas. Ler textos históricos que mexem com nossas origens nos levam a experimentar diferentes sensações, que devem ser medidas e interpretadas à luz de diferentes teorias. Foi o que tentamos fazer neste texto. Contudo, esperamos que, a discussão aqui proposta seja considerada como mais uma dentre as demais que abordam a Carta de Pero Vaz de Caminha como objeto de pesquisa.

Considerações finais

Ao desenvolver o presente estudo compreendemos um pouco do caráter histórico/literário bem como a receptividade da Carta de Pero Vaz de Caminha. Esse texto, escrito em 1500, serviu com justeza aos propósitos do rei de Portugal. Se era uma carta que não passava de uma narrativa de viagem, pelo discurso do narrador mostra em detalhes o Brasil daquele tempo, com lindas praias, florestas virgens, índios hospitaleiros, etc. Nesse sentido, cumpriu com os objetivos do invasor. No entanto, através dos diferentes dados gerados para esta pesquisa bem como por uma releitura do texto de Caminha, com o auxílio da Estética da Recepção e de outras teorias, que é possível realizar diferentes leituras de um mesmo objeto. Tais leituras podem se processar tanto nos níveis de uma reconstrução histórica crítica à luz da contemporaneidade, ou através dos horizontes de expectativas, ou por meio das muitas experiências leitoras, ou pelos vazios deixados no texto, ou por meio da crítica genética de reconstrução de narrativas. Neste texto, optamos por discutir diferentes vieses que colocam essa narrativa em diferentes instâncias. Embora, tenhamos cumprido com

o nosso objetivo de mostrar um pouco da receptividade da Carta nos dias de hoje, sabemos que essa discussão está aberta a outros e diferentes olhares. Este texto é só mais uma tentativa de leitura desse documento fascinante, que mostra um pouco da nossa história.

Referências

- ARAÚJO, E. R. de. A Carta de Caminha: Documento Histórico ou Literário? Jussara – GO. **Revista Eletrônica Expedições: Teoria da História e Historiografia**, [S. l.], v.02, n. 01, p. 130–136, 2011.
- BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTRO, F. C.; FREITAS, G. de. **Língua e literatura: ensino e pesquisa**. São Paulo, 2003.
- CASTRO, S. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: o Descobrimento do Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- CAMINHA, P. V. de. Carta. *In*: PEREIRA, Paulo Roberto (org.). **Os Três Únicos Testemunhos do Descobrimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2003.
- EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FAWLER, R. **Crítica Linguística**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2003.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1966.
- GIL, A. C. **O trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2002.
- ISER, W. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 2000.
- JAUSS, H. R. *et al.* **A literatura e o leitor: textos de Estética da Recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- JAUSS, H. R. **Toward an Aesthetic of Reception**. Minnesota: Minnesota Press, 2001.
- KOTHE, F. R. **O Cânone Colonial: ensaio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- LAJOLO, M. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LIMA, L. C. **A Literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LIMA, L. C. Prefácio à 2ª Edição. *In*: LIMA, L. C. (org). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LOBO, L. Estética da Recepção. *In*: SAMUEL, R. **Manual de Teoria Literária**. São Paulo: Vozes, 2018. p. 114-117.
- LOPES, E. **Fundamentos da Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSENBLATT, L. M. **Literature as Exploration**. New York: The Modern Language Association, 1995.

SIMÕES, L. N. **A Carta de Caminha: História ou ficção?** São Paulo: Ática. 2006.

TARALLO, F. **Itinerário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 2001.

TOMPKINS, J. P. **Reader – Response Criticism: from formalism to Post – structuralism**. London: The Johns Hopkins University Press, 1999.

ZILBERMAN, R. A Estética de Recepção e o acolhimento brasileiro. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [s. l.], n. 12, p. 7-17, jul. 2016.

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

Resumo: Este artigo objetiva compreender alguns aspectos de língua, literatura e de apontamentos receptivos na Carta de Pero Vaz de Caminha. Ao ler a missiva enviada ao Rei de Portugal, descrevendo as curiosidades e as belezas das terras brasileiras, percebe-se que o autor produziu uma narrativa que foi além de um documento factual e que alcançou, em muitos momentos, ao longo da carta, o status de texto literário. Assim, o artigo discute a relação entre língua e literatura bem como a recepção da carta junto a leitores contemporâneos, justificando-se nessa tecitura e na pesquisa qualitativa e documental, vez que fragmentos da Carta de Pero Vaz de Caminha foram utilizados para exemplificar aspectos linguísticos, receptivos e literários presentes no texto.

Palavras-chave: Língua, Literatura, Crítica literária e Comunicação.

Abstract: This article aims to understand some aspects of language, literature and receptive notes in Pero Vaz de Caminha's Letter. By reading the missive sent to the King of Portugal, describing the curiosities and beauties of the Brazilian lands, it is perceived that the author produced a narrative that went beyond a factual document and that reached, in many moments, throughout the letter, the status of literary text. Thus, the article seeks to discuss the relationship between language and literature as well as the reception of the letter to contemporary readers, justifying itself in this weaving and in the qualitative and documentary research, since fragments of the Letter of Pero Vaz de Caminha were used to exemplify linguistic, receptive and literary aspects present in the text.

Keywords: Language, Literature, Literary Criticism, Communication.

Recebido em: 23/9/2023.

Aceito em: 21/11/2023.